

DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E SEXUALIDADE

Gênero, sexualidade e identidade em Bissau: desafios da comunidade LGBTQI+ na Guiné-Bissau

Iunes Ensa Gomes Camará¹

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa estudar o Gênero, Sexualidade e Identidade na cidade de Bissau, Guiné-Bissau, com foco em analisar os desafios da comunidade LGBTQI+ na sociedade guineense. A Guiné-Bissau, um país que fica situado no Oeste do continente africano, é limitado ao Norte pelo Senegal, Sul e Leste pela Guiné-Conacri e Oeste pelo Oceano Atlântico. A Guiné-Bissau, tem uma superfície total de 36.125 km², e com uma população de 1.520.830 habitantes (INEC, 2009, p.02), constituídos por três províncias: Norte, Sul e Leste; e oito regiões administrativas: Gabú, Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Quinara, Oio, Tombali e o setor autônomo de Bissau; e mais de oitenta ilhas e ilhéus no oceano atlântico.

Acredita-se que existam na Guiné-Bissau mais de vinte etnias, cada uma com a sua própria língua e manifestação cultural. As etnias majoritárias no país são: Fulas 28,5%; Balanta 22,5%; Mandinga 14,7%; Papel 9,1%; Manjaco 8,3%; Mancanha 3,1%; Sem etnia 2,2%; Bijagós 2,1%; Felupes 1,7%; Mansonca 1,4%; Balanta Mané 1,0%; Nalu 0,9%; Saracule 0,5%; Sosso 0,4% (INEC, 2009, p.21).

A pesquisa é muito importante e relevante para a sociedade guineense, pois busca promover a compreensão e a aceitação da comunidade LGBTQI+, apresentando com clareza aos cidadãos de Bissau, os conceitos de gênero, sexualidade e identidade, e desmistificando os estereótipos em torno da comunidade LGBTQI+.

O problema da pesquisa é procurar entender, através das narrativas, a gênese da não aceitação da comunidade LGBTQI+ na cidade de Bissau. Analisando, assim, as suas percepções quanto ao gênero, sexualidade e

¹FACH / PPGAS-UFMS. E-mail:ensa.camara@ufms.br.

identidade, se existe realmente ou não a influência das religiões estrangeiras (Islã, Cristã e Nova Pentecostal), ou se os costumes e usos das diferentes etnias que compõem o mosaico étnico no país consideram anormal dentro das suas comunidades.

Nos últimos anos, de 2020 até a data presente, a sociedade guineense vem notando um número crescente das pessoas assumindo identidade de gênero (comunidade LGBTQI+), que, segundo os relatos dos mais velhos ou dos anciãos, não tinha um número bem considerável como hoje, ou existia, mas que essas pessoas não se assumem por medo da repreensão em espaços públicos ou por parte da própria família.

Por isso, esta pesquisa busca entender o motivo pelo qual as pessoas não queriam assumir as suas identidades de gênero e por que assumir agora. Sabendo que não há leis que protegem a comunidade LGBTQI+ na Guiné-Bissau, e que até hoje os usos e costumes das diferentes etnias continuam a moldar o pensamento guineense.

Os objetivos desta pesquisa são: Analisar os desafios de uma classe minoritária (LGBTQI+), face às suas adaptações na cidade de Bissau, buscando entender, através das narrativas das pessoas não heterossexuais, como vivem num ambiente hostil e com certo risco de vida; Analisar o porquê do ódio contra os não heterossexuais, se é influência da religião ou da tradição étnica, ou se todas exercem influência conjunta no pensamento sobre a identidade de gênero e sexualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Depois da segunda guerra mundial (1939-1945), com a fundação da Organização das Nações Unidas (ONU) e das demais organizações internacionais, e a elaboração dos direitos humanos, o mundo vem denotando o crescimento considerável dos movimentos sociais das classes minoritárias, na luta pela igualdade em diferentes partes do mundo. Todavia, no hemisfério Sul, concretamente no continente africano, emergiu a luta pela independência contra o jugo colonial europeu nos anos 60 do século XX, enquanto que, em outras partes do mundo, os cientistas sociais começaram a conceitualizar e desmistificar questões relacionadas a Gênero, Sexualidade e Identidade, que antigamente o conceito

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

baseava nas questões biológica. Segundo Carmilita Gomes de Jesus (2012):

Historicamente, a população transgênero ou trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente da crença de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, portanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero. (Jesus, 2012, p,11)

Para Jesus (2012), muitos dos preconceitos sofridos pelas pessoas transexuais se devem à dificuldade de diferenciar a questão biológica a da identidade de gênero, isto é, que de uma certa maneira a sociedade acaba atribuindo à criança recém nascida uma identidade de gênero partindo de pressuposto do sexo de nascimento - feminino é mulher e masculino é homem. Butler (2013), enfatiza que, para extinguir todos os tipos de preconceito impostos ao longo dos anos, é preciso estudo e muita pesquisa sobre este tema, pois entende que a sexualidade é um fenômeno cultural.

Jesus (2012) realça ainda que, "(...) o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente." (2012, p.8). A Simone de Beauvoir (1980), no seu livro “ O Segundo Sexo”, ela desconstrói o senso comum antigo no qual a mulher é associada ao feminino, argumentando que nem todas as pessoas do sexo feminino são mulheres, mas que para ser mulher é necessário se identificar culturalmente como tal.

E, hoje em dia, muitas pessoas estão assumindo as suas identidades, mas a sociedade guineense repudia essas pessoas, achando que elas estão adotando costumes de outra parte do mundo. Essas pessoas sentiram que não se encaixavam nessa dualidade de gênero que a sociedade guineense moldava, e o processo de sair da “caixa” é um desafio que muitas pessoas temem por medo da reação da sua família e da comunidade, o Stuart Hall (2006), aponta que “(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.” (Hall, 2006, p.13).

No entanto, a Carmilita Gomes de Jesus (2012) afirma que “A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho.” (Jesus, 2012, p.14). É muito importante que as pessoas comecem a diferenciar a identidade de gênero e sexo, talvez assim possamos reduzir o preconceito em torno das pessoas não heterossexuais na cidade de Bissau, e num futuro próximo o Estado possa elaborar leis que protejam a comunidade LGBTQI+.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa terá como cunho metodológico, o método qualitativo, dividindo-a em duas etapas: a primeira etapa será uma revisão bibliográfica, e a segunda etapa será o estudo etnográfico. Sobre a pesquisa etnográfica, “a pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo” (Gil, 1946, p.40).

Na primeira etapa, vou pesquisar os artigos, livros, dissertações e aproveitando também os textos de diferentes autores abordados na disciplina optativa de Sexualidade e Diferença, do curso de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), no segundo semestre do ano 2025, em Campo Grande.

Na segunda etapa, será realizada uma etnografia digital, que, segundo a Christine Hine (2011) no seu artigo “Etnografia virtual. Editorial UOC, 2011.” a autora apresenta ao leitor como a etnografia poderia se adaptar aos novos avanços da tecnologia, podendo assim, ser usados como métodos em ambientes virtuais, como a internet e as redes sociais. Por isso, serão monitorados os comentários das postagens de contas no TikTok, das influenciadoras transexuais @gostosa.enbalo, @nicolasgo77, o canal @canalmentesaudavelbissau e a entrevista com pessoas heterossexuais e aos que não se identificam.

A entrevista será semiestruturada, com os seguintes questionários: Como você se identifica em relação à sua identidade de gênero? Qual é o seu entendimento sobre o conceito de identidade de gênero? Existe diferença entre

gênero e sexo? Você foi educado/a de acordo com os costumes da sua etnia? Como o gênero é pensado na sua etnia e, em particular, na sua família? O que você pensa sobre as pessoas não heterossexuais na cidade de Bissau? A entrevista será dirigida via WhatsApp.

Por último, será analisado o contexto social face aos desafios das pessoas não heterossexuais na cidade de Bissau, com base em dados compilados nas entrevistas e nos comentários nos canais de TikTok, e também a partir da minha experiência como alguém que viveu a maior parte da sua vida em Bissau.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a pesquisa feita no canal das influenciadoras digital no TikTok, monitorando os comentários dos vídeos postados pelas duas meninas transexuais - @nicolasgo77 e @gotosa.enbalo, e do canal @canalmentesaudavelbissau, as entrevistas com as interlocutoras, pode-se entender que, a sociedade guineense e, em particular, na cidade de Bissau, tem uma forte influência das nossas raízes étnicas e de religiões estrangeiras, onde, o conceito de gênero e sexualidade ainda é associado à dualidade, isto é, ser homem ou mulher é algo biológico e não uma construção social.

A primeira entrevista foi como uma mulher de 23 anos, ela se identifica como heterossexual, mas sente atração pelas outras meninas: “eu me considero heterossexual, mas sinto uma caidinha pelas meninas. Eu me sinto como um homem e lembro-me bem que, as nossas brincadeiras, sempre desempenhava o papel do pai ou do homem. Há muito tempo, vestia como homem e me sentia mais confortável com as roupas dos homens, mas fui aconselhada a parar de vestir como homem e de aceitar o meu papel como mulher. Sentir medo de contrariar os princípios do Islã, de ser isolada e abandonada pela minha família e colegas.” A segunda entrevista foi com uma menina lesbica de 14 anos de idade, ela fala que a família acabou por aceitar a sua decisão, “Eu senti isso desde criança mas só aceitei quando tinha 12 anos, conversei com o meu pai e realmente respeitou a minha decisão. Ser lesbica na Guiné Bissau não é algo que se adapta rápido mais pouco a pouco as pessoas vão te entender, só que aqui em Guiné não apoiam as LGBT.” Analisando as falas das duas meninas, pode-se entender que, realmente, a identidade de gênero é uma questão bem sensível no contexto guineense, tendo em

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

conta todo o contexto social que ainda é influenciado pela religião e tradições locais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe pontuar que, na cidade de Bissau, a sociedade é tão conservadora que a questão do sexo é associado à identidade de gênero, onde as pessoas que não se enquadram no heterossexual são consideradas fora do padrão ou anormais. A família guineense é educada com base na dualidade de gênero (homem e mulher), onde a identidade da pessoa é associada à sua condição de nascimento. Se for menino, automaticamente é educado culturalmente como homem, e a menina consequentemente, como mulher.

Hoje em dia, muitas famílias estão se deparando com o dilema de revolta por parte dos que não se encaixam no binarismo, essas pessoas muitas das vezes acabam sendo abandonadas e isoladas pela família e pela sociedade. Portanto, o Estado guineense precisa criar mecanismos de proteção e conscientização, através da criação de leis e debates em diferentes locais da cidade, no sentido de quebrar com a transfobia.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GIL, Antônio Carlos, 1946-Como elaborar projetos de pesquisa / Antônio Carlos Gil. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010

Hall, Stuart . A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HINE, Christine. Etnografia virtual. Editorial uoc, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSO - INEC. Recenseamento geral da população e habitação. Bissau: INEC, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia Técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formação de opinião. 2ª Ed. Brasília, 2012.